

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FLORESTAIS

BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL

LAIS DEOSDEDE DA SILVA

**MADEIRAS NATIVAS PARA A FABRICAÇÃO DA RABECA NORDESTINA:
DESCRIÇÃO DOS PROCESSOS MECÂNICOS DAS MADEIRAS ENVOLVIDAS NA
PRODUÇÃO E SEU IMPACTO NA MANIFESTAÇÃO CULTURAL CAVALO
MARINHO.**

RECIFE - PE

2024

LAIS DEOSDEDE DA SILVA

**MADEIRAS NATIVAS PARA A FABRICAÇÃO DA RABECA NORDESTINA:
DESCRIÇÃO DOS PROCESSOS MECÂNICOS DAS MADEIRAS ENVOLVIDAS NA
PRODUÇÃO E SEU IMPACTO NA MANIFESTAÇÃO CULTURAL CAVALO
MARINHO.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Coordenação do Curso de
Bacharelado em Engenharia Florestal da
Universidade Federal Rural de
Pernambuco como parte das exigências
para a obtenção do título de Bacharel em
Engenharia Florestal

Orientador: Profº Drº Marcelo Nogueira

RECIFE- PE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586m Silva, Laís Deosdede da Silva
MADEIRAS NATIVAS PARA A FABRICAÇÃO DA RABECA NORDESTINA: DESCRIÇÃO DOS PROCESSOS MECÂNICOS DAS MADEIRAS ENVOLVIDAS NA PRODUÇÃO E SEU IMPACTO NA MANIFESTAÇÃO CULTURAL CAVALO MARINHO: Revisão de Literatura / Laís Deosdede da Silva Silva. - 2024.
41 f. : il.

Orientador: Marcelo Nogueira.
Coorientadora: Simone Mirtes.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Engenharia Florestal, Recife, 2024.

1. Cultura-popular. 2. desdobro da madeira. 3. Rabeca. 4. Pernambuco. I. Nogueira, Marcelo, orient. II. Mirtes, Simone, coorient. III. Título

CDD 634.9

LAIS DEOSDEDE DA SILVA

**MADEIRAS NATIVAS PARA A FABRICAÇÃO DA RABECA NORDESTINA:
DESCRIÇÃO DOS PROCESSOS MECÂNICOS DAS MADEIRAS ENVOLVIDAS NA
PRODUÇÃO E SEU IMPACTO NA MANIFESTAÇÃO CULTURAL CAVALO
MARINHO.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Coordenação do Curso de
Bacharelado em Engenharia Florestal da
Universidade Federal Rural de
Pernambuco como parte das exigências
para a obtenção do título de Bacharel em
Engenharia Florestal

Orientador: Profº Drº Marcelo Nogueira

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profº Drº Marcelo Nogueira

Orientador

Profª Drª Simone Mirtes

Coorientadora

Profª Drª Rosely Tavares de Souza – UFPE

Examinadora

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus que me abençoa todos os dias, ao meu São Jorge que me protege e vai todos os dias para a luta comigo e aos encantados da Serra do Ororubá que abriram as portas que não posso ver.

Agradeço a minha mãe Verônica, ao meu pai Everaldo e a minha irmã Elisa por todo amor e apoio, vocês são a minha base e aos meus ancestrais pois eles lutaram, o trabalharam e a perseveraram para que hoje eu pudesse ser o sonho realizado que eles idealizaram um dia.

“Quando a mulher negra se movimenta,
toda a estrutura da sociedade se
movimenta com ela.”

(Ângela Davis)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo documentar os processos mecânicos de desdobro das madeiras de espécies nativas utilizadas como matéria prima na construção artesanal de rabecas e o impacto do instrumento na manifestação cultural do Cavalo Marinho. Foram utilizados como referência para a elaboração desse trabalho, pesquisas realizadas por órgãos públicos, artigos científicos, livros, reportagens, teses e dissertações produzidas que abragem a descrição do processo de confecção da rebeca pelo artesão Zé de Nininha, residente da cidade de Ferreiros, Zona da Mata Norte Do Estado de Pernambuco, além de bibliografias que detalham as madeiras nativas utilizadas, onde o objetivo é compreender a relevância e o impacto social causado pelo uso do referido artefato na manifestação da cultura popular do Estado de Pernambuco conhecida como Cavalo Marinho. Complementarmente, foram identificadas as singularidades nos procedimentos de entalhe utilizados pelo artesão, estritamente relacionados ao tipo de madeira disponível na região. Observou-se que algumas espécies arbóreas são valorizadas devido as propriedades físicas e mecânicas da madeira que interferem diretamente nas características acústicas e nas técnicas de confecção da rebeca. A produção desse instrumento é passada do mestre para aprendiz, desde a escolha da madeira dentro dos parâmetros ideais até os ajustes finais de entalhe e afinação. Através de levantamento bibliográfico dos processos mecânicos de desdobro das madeiras nativas, e da identificação das espécies florestais utilizadas na confecção desse instrumento, será possível fornecer informações para pesquisas futuras, principalmente na área de Tecnologia e Utilização de Produtos Florestais e na valorização do conhecimento popular.

Palavras-chaves: Cultura-popular; desdobro da madeira; Rabeca; Pernambuco.

ABSTRACT

This course conclusion work aims to document the mechanical processes of unfolding wood from native species used as raw material in the artisanal construction of fiddles and the impact of the instrument on the manifest popular culture of Cavalo Marinho. Research carried out by public bodies, scientific articles, books, reports, theses and dissertations produced that cover the description of the rabeca making process by craftsman Zé de Nininha, resident in Ferreiros City, Zona da Mata North Of t Pernambuco State, in addition to bibliographies that detail the native woods used, where the objective is to understand the relevance and social impact caused by the use of said artefact in the manifestation of the State's popular culture known as Cavalo Marinho. Additionally, singularities were identified in the carving procedures used by the craftman, strictly related to the type of wood available in the region. Some tree species are valued due to the physical and mechanical properties of the wood that directly affect the acoustic characteristics and fiddle-making techniques. The production of this instrument is passed from master to apprentice, from the choice of wood within ideal parameters to the final carving and tuning adjustments. Through a bibliographical survey of the mechanical processes for splitting native wood, and the identification of the forest species used in the manufacture of this instrument, it was possible to provide information for future research, mainly in the area of Technology and Use of Forest Products and valorization of popular knowledge.

Keywords: popular culture; wood splitting; Rabeca; Pernambuco

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mestre Zé de Nininha. Janeiro/2024.....	20
Figura 2- Rabecas em construção.....	20
Figura 3- Guazuma ulmifolia Lam. Madeira.....	22
Figura 4- Arco de rabeca feito de mutumba roxa e crina de cavalo (60 fios).....	22
Figura 5- Indivíduo de Simaboura Versivolor no município de Ubirajara-CE.....	24
Figura 6- Braço da rabeca.....	24
Figura 7- Indiviuo de Pau-paraíba.....	26
Figura 8- Lateral da rabeca revestida pelo aro de Jenipapo.....	26
Figura 9- Indivíduo de Mulungu.....	28
Figura 10- Tampo superior da rabeca.....	28
Figura 11- Braço da Rabeca.....	30
Figura 12- Lateral aberta da rabeca.....	30
Figura 13- Caixa de ressonância da rabeca e braço.....	31
Figura 14- Rabeca Finalizada.....	31
Figura 15- Faca artesanal para escavar.....	31
Figura 16- Facara artesanal utilizada para escavar os F's.....	31
Figura 17- Formão para escavar a madeira.....	32
Figura 18- Cilindo de ferro utilizado para moldar.....	32
Figura 19- Crina de cavalo e pente.....	32
Figura 20- Tico-tico.....	32
Figura 21- Banco de músicos do Cavalo Marinho.....	34
Figura 22- Mestre rabequeiro.....	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. OBJETIVO	14
2.1 Objetivo Geral	14
2.2 Objetivos Específicos	14
3. METODOLOGIA.....	15
4. REVISÃO DE LITERATURA	16
4.1 Definição e Considerações Históricas Sobre O Instrumento Rabeca.....	16
4.2 PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE RABECAS NO MUNICÍPIO DE FERREIROS LOCALIZADO NA ZONA DA MATA NORTE DO ESTADO DE PERNAMBUCO	
4.2.1 Mestre Zé de Nininha	18
4.2.2 Arco.....	20
4.2.3 Braço e Língua.....	22
4.2.4 Aro.....	25
4.2.5 Tampo superior e inferior.....	27
4.3 PROCESOS MECÂNICOS DE DESDOBRO E ENTALHE DA MADEIRA UTILIZADOS PELO MESTRE ZÉ DE NININHA DURANTE A CONSTRUÇÃO DA RABECA.....	29
4.4 O INSTRUMENTO RABECA E A SUA IMPORTÂNCIA NA MANIFESTAÇÃO CULTURAL DO CAVALO MARINHO NO ESTADO DE PERNAMBUCO.....	33
4.4.1 O Rabeca e o Cavallo Marinho.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1. INTRODUÇÃO

A rabeca é um instrumento musical e assim como outros instrumentos de corda e arco que antes do período de colonização no Brasil, ela já era confeccionada e difundida em alguns países da península Ibérica, sendo trazida pelos colonizadores portugueses no primeiro século de colonização, porém o instrumento se manteve até a década de 1990 em áreas longes da urbanização (FIAMMENGHI, 2009).

De acordo com Bergmann (2013) a rabeca brasileira é um produto fruto de observações realizadas por artesãos brasileiros que buscaram reproduzir o violino europeu de tal forma que ela foi facilmente inserida na cultura popular, classificada como a forma ruralizada do violino, e devido a falta de uma padroinação nas etapas de construção e no tipo de madeira utilizada para as partes que constituem a rabeca houve uma grande variação de estilos no design e sonoridade do instrumento.

O conhecimento específico sobre a construção da rabeca muitas vezes é passada de mestre para aprendiz ou em alguns casos de forma autodidata através da observação. Não existe uma rabeca igual a outra nas características estéticas, sonoras, e nos formatos pois os diferentes tipos de madeiras contribuem para que cada rabeca tenha uma personalidade singular (GRAMINI, 2003).

As condições ambientais da região, o tipo de solo do local de cultivo da espécie florestal, a disponibilidade e absorção de nutrientes e idade dos indivíduos são alguns fatores que influenciam diretamente nas propriedades físicas e mecânicas da madeira, até mesmo entre indivíduos de uma mesma espécie (TOMASI, ET. AL., 2013).

Dependendo da espécie florestal utilizada na confecção das rabecas e os conteúdos de extrativos presentes na madeira eles podem interferir na propriedade acústica (MATSUNAGA ET AL., 1999). Dessa forma nas diferentes regiões do país onde a rabeca é um instrumento presente nas manifestações culturais podemos observar diferentes estilos em relação a aparência e sonoridade do instrumento sendo influenciada pelo tipo de madeira e pela forma que é confeccionada pelos mestres rabequeiros da cultura popular.

Na Zona da Mata de Pernambuco a rabeca exerce um papel fundamental nas festividades rurais como por exemplo no Cavalo Marinho¹, que é uma forma de expressão da cultura

¹ O Cavalo Marinho é uma manifestação popular que teve sua origem nas regiões de plantio de cana-de-açúcar no Estado de Pernambuco e que abrange a música, a dança e a poesia em forma de teatro popular. Os brincantes,

popular² realizada e organizada por trabalhadores rurais em formato de teatro popular, representando o cotidiano real e imaginário por meio da música, da poesia, da dança através de personagens mascarados (DOSSIÊ CAVALO MARINHO, 2012).

Por ser um instrumento confeccionado de forma artesanal, o mestre rabequeiro tem liberdade para testar novos materiais e aceitar encomendas de clientes que definem o material (o tipo de madeira de acordo com a espécie florestal e as características físicas, mecânicas e acústicas), o tipo de coda e a afinação (GALINDO, 2019).

Esse trabalho surgiu a partir das minhas experiências e observações em atividades fora da academia, nas festividades do Cavalo-Marinho e dos relatos dos meus ancestrais sobre a presença da rabeça na minha família. Assim, ao relacionar essas vivências aos estudos das disciplinas do curso de Bacharelado em Engenharia Florestal da Universidade Rural de Pernambuco-UFRPE, emergiu o presente Trabalho de Conclusão de Curso.

Durante a pesquisa a cerca dos processos de construção da rabeça e dialogando com parentes da minha família, descobri através de relatos das memórias do meu avô, que o meu tataravô por parte de pai era mestre rabequeiro na cidade Santo Antônio do Salto da Onça no Rio Grande do Norte. A minha facelida avó Maria Dalva recordava que durante a sua infância observava o meu tataravô talhando rabeças na varanda da casa, e que achava fantástico um “pedaço de madeira se transformar em um lindo violino que ele mesmo afinava e tocava”. A partir desse relato o meu interesse em estudar o processo de construção da rabeça se fortaleceu e por isso decidir apresentar como TCC esse processo desenvolvido pelos mestres rabequeiros da região da Zona da Mata Norte de Pernambuco ³para que o conhecimento sobre as práticas e os

termo utilizados pelos participantes para se referir a quem participa e se caracteriza entre um dos 73 personagens que podem ser identificados nas festividades de, geralmente são trabalhadores rurais ou residentes dessas regiões. As festividades se iniciam no período natalino para homenagenar o Divino Rei do Oriente e a Jurema Sagrada.

² A cultura popular é o termo utilizado nessa pesquisa para definir as manifestações culturais que tiveram suas origens a partir dos menos favorecidos, em vários aspectos, pela sociedade. São as formas de se expressar daqueles que no início não tiveram acesso ao poder político, econômico e ascensão social sendo por muito tempo vistos pela dita cultura erudita das classes sociais dominantes como subalternos. Porém, o termo “popular” pode ser ressignificado em algumas situações para a cultura de massa, aquelas formas de expressões culturais que são mais difundidas em maior parte da população.

³A região classificada como Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco é um espaço geográfico delimitado que abrange os seguintes municípios: Aliança; Buenos Aires; Camutanga; Carpina; Chã de Alegria; Condado; Ferreiros; Glória do Goitá; Goiana; Itambé; Itaquitanga; Lagoa do Carro; Lagoa de Itaenga; Macaparana; Nazaré da Mata; Paudalho; Timbaúba; Tracunhaém; Vicência. Disponível em: http://www.bde.pe.gov.br/visualizacao/Visualizacao_formato2.aspx?CodInformacao=798&Cod=1#:~:text=%C3%81guas%20Belas%20%2C%20Angelim%20%2C%20Bom%20Conselho.%2C%20Terezinha%20%2C%20Tupanatinga%20%2C%20Venturosa. Acesso 17 jan. 2024.

processos de construção da rabeça desses mestres não sejam esquecidos como os do meu tataravô.

Descrever e entender os processos envolvidos na construção das rabeças e dialogar com os sujeitos responsáveis por isso, é capaz de mudar a nossa percepção em relação a cultura popular e transformar a nossa relação com o instrumento, pois eles são símbolos potentes de resistência de comunidades em situações subalternas (BERGMANN, 2016).

Identificamos a necessidade de pesquisar os conhecimentos populares a cerca das espécies florestais nativas ⁴e seus diversos usos na cultura popular da Zona da Mata Norte do Estado, principalmente na construção de instrumentos musicais, que possibilitem manter e conservar a manifestação da cultura popular do Cavalo-Marinho.

⁴ Espécies florestais nativas são árvores próprias de um ecossistema em que se desenvolvem e dispersam seu material genético dentro desses limites naturais desde a sua origem e classificação taxonomica. Esses limites podem ser um país, um estado, um bioma ou um conjunto desses conceitos, tudo irá depender da área observada, da interação e importância da espécie para o ambiente além das suas características morfológicas e fenológicas. Disponível em: <https://www.embrapa.br/codigo-florestal/entenda-o-codigo-florestal/glossario#:~:text=Esp%C3%A9cie%20que%20%C3%A9%20natural%2C%20pr%C3%B3pria,a%20su%C3%A1rea%20de%20dispers%C3%A3o>. Acesso: 24 Jan. 2024

2. OBJETIVO

Objetivo Geral

- Documentar os processos mecânicos de desdobro⁵ das madeiras de espécies florestais nativas utilizadas como matéria prima na construção artesanal de rabecas produzidas pelo artesão Zé de Nininha na cidade de Ferreiros na Zona da Mata Norte de Pernambuco.

Objetivos Específicos

- Apresentar a contextualização histórica do instrumento e como ele foi introduzido nas manifestações populares da região Nordeste do Brasil.
- Identificar as espécies florestais nativas utilizadas nos processos mecânicos envolvidos no desdobro da madeira e analisar as etapas de construção e entalhe de corte da madeira das partes que constituem a rabeca adotado pelo mestre Zé de Nininha⁶ da cidade de Ferreiros-PE;
- Apresentar a importância da rabeca nordestina para a manifestação cultura do Cavalo-Marinho e sua importância para o Estado de Pernambuco.

⁵ Os processos mecânicos de desdobro da madeira são processos primários de beneficiamento no qual os segmentos de madeira, como o tronco e galhos, irão receber para que possam ser transformados em peças padronizadas para serraria, dependendo do objetivo final e do produto para o qual ela foi escolhida esses padrões podem variar. Disponível

em: <https://sites.usp.br/podalab/primario/#:~:text=A%20primeira%20etapa%20de%20beneficiamento,caracter%C3%ADsticas%20mais%20ou%20menos%20padronizadas>. Acesso: 24 Jan. 2023.

⁶ É um renomado artesão que confecciona rabeca a mais de 20 anos na cidade de Ferreiros-PE, sendo reconhecido nacionalmente e internacionalmente pela sua habilidade artística de entalhe da madeira e importância para a cultura popular do Estado de Pernambuco. Suas rabecas são consideradas umas das melhores em relação a outros luthiers e um item de colecionador no qual são passadas entre gerações de uma família.

3. METODOLOGIA

As informações obtidas referentes aos processos mecânicos de desdobro da madeira nativa para a construção da rabeca, a metodologia e as ferramentas utilizadas pelo artesão Zé de Nininha em seu ateliê foram reunidas através de pesquisa bibliográfica e visita técnica ao ateliê do artista no município de Ferreiros-PE no dia 09/01/2024 onde pude observar, descrever e avaliar as etapas utilizadas pelo artesão para a confecção da rabeca.

A pesquisa bibliográfica a partir de teses, dissertações, artigos, pesquisas desenvolvidas por órgãos públicos e livros, procura reelaborar e discutir através da visão do pesquisador(a) uma nova forma de abordar o tema que será desenvolvido pelo projeto de pesquisa, buscando de forma ética utilizar as informações da referências utilizadas no trabalho em questão como uma opção de ampliar, divulgar e se questionar a cerca de novas possibilidades.

No caso desse trabalho os conhecimentos científicos e os conhecimentos populares⁷, através da revisão de literatura, estarão em um ponto de intersecção onde foi descrito os processos mecânicos de desdobro da madeira sobre a confecção artesanal da rabeca através dos conhecimento da Tecnologia e Utilização de Produtos Florestais madeireiros e a importância do conhecimento popular geracional desenvolvido por mestres rabequeiro de Pernambuco para a cultura popular do Estado.

⁷ Os conhecimentos populares são classificados como “informais” que são passados entre gerações, sejam eles restritas a uma comunidade tradicional ou não, mas que possuem influência do meio natural geográfico, da cultura, dos fatos históricos, econômicos e sociais que moldaram os agentes que detem e fortalecem esse conhecimento. Os mestres e mestras são os termos utilizados para identificar as pessoas que possuem um vasto conhecimento a cerca de uma prática ou manifestação popular que molda a cultura de uma região e suas diversas formas de expressão, são eles que refereciam, edificam e passam para as novas gerações esses conhecimentos através da oralidade e da tradição. Esses indivíduos que são responsáveis por proteger e promover o conhecimento popular são amparados pela Constituição Federal Brasileira na Seção II pelo Art. 215 e o Art. 216 onde é estabelecido o Plano Nacional de Cultura que tem como objetido defender, promover, formar gestores para a cultura popular, democratizar e valorizar a diversidade étnica. Disponíveis em: http://petpp.utfpr.edu.br/wp-content/uploads/2018/08/Antonio-Christianne-Roberson_SaberesPopulares.pdf Acesso: 24 Jan. 2024. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso: 24 Jan. 2024

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1. Definição e Considerações Históricas Sobre O Instrumento Rabeca

Antes de iniciarmos a contextualização histórica a cerca da origem do instrumento rabeca, onde ela pode ser encontrada no território brasileiro através das diversas manifestações culturais populares, como ela se difundiu pelo nordeste e se tornou um instrumento importante nas festividades de Cavalo-Marinho na Zona da Mata Norte de Pernambuco, precisamos definir e responder uma importante pergunta: o que é uma rabeca?.

A resposta para esse questionamento será proposto através dos conceito elaborado pelo pesquisador Santos (2011) , no seu livro intitulado "Isso não é um violino".

De acordo com Santos (2011),o autor define a rabeca através da seguinte citação:

A rabeca é um instrumento de cordas tangidas por um arco de crina animal ou sintética, desprovido de padrões universais de construção, afinação e execução. Na sistematização de Sachs e Hrnboostel⁸ a rabeca pode ser classificada como um cordofone composto⁹, por possuir uma caixa de ressonância como parte integrante do instrumento; ao contrario de um berimbau, que é um cordofone simples, ¹⁰podendo ser tangido mesmo sem a caixa de ressonância, embora com a alterações no timbre. A rabeca popular tamém poderia ser incluída na família do violino, sendo uma variação popular do instrumento de corda de arco. Existem duas formas básicas de construção: rabecas esculpidas (ditas "de cocho") ou manufaturadas em partes separadas. (SANTOS, 2011, pág 29).

O pesquisador define as características físicas e o design do instrumento, e o classifica baseando-se nos sistema de classificação de instrumentos musicais criado por Sachs e Hrnboostel. Devido ao fato da rabeca ser um instrumento onde cada um dos mestres que a produz possui sua própria metodologia e a madeira das espécies arbóreas florestais das diversas regiões país em que a rabeca pode se encontrada nas manifestações populares, que são utilizadas na sua produção, influenciam diretamente as características acústicas e físicas da mesma, o conceito

⁸ É um sistema internacional de classificação de instrumentos musicais, criado por por Erich von Hornbostel e Curt Sachs, em 1914. Esse sistema é dividido em quatro grandes classes: Idiofones; Membranfones; Cordofones; Aerofones e Eletrofones. Cada uma das classes acima são subdivididas de acordo com as características sonoras, físicas e ergonômicas do instrumento em questão.

⁹ Cordofone composto são os instrumentos que possuem a caixa de ressonância inserida no instrumento e possuem mais de uma corda como por exemplo: o violino; o violão e o violoncelo.

¹⁰ Cordofone simples é a classificação utilizada para instrumentos que também possuem a caixa de ressonância inserida no corpo, porem possuem apenas uma corda, um exemplo desse tipo de instrumento é o berimbau.

de Santos (2011) é referente as semelhanças das rabecas que podemos encontrar na maior parte da região nordeste no país.

Iniciando a contextualização histórica do instrumento, vamos começar pela etimologia da palavra “rabeca”, que segundo Fiammenghi (2008), na sua tese de doutorado intitulada “O violino violado: rabeca, hibridismo, e desvio do método nas práticas interpretativas contemporâneas – Tradição e inovação de José Eduardo Gramani”, o autor descreve que a palavra rabeca é derivada de *rabab*, palavra que se refere a um antigo instrumento de arco de origem árabe e suas diversas variações em formatos, tamanhos e sonoridades porém possuem entre si semelhanças em relação a forma de ser tocada pelos instrumentistas.

A influência da música e dos instrumentos árabes na Península Ibérica, ocorreu no continente europeu de forma ativa durante a ocupação dos povos árabes no continente principalmente entre os anos de 711 e 1492, devemos levar em consideração que foram aproximadamente sete séculos de presença árabe e mulçumana no continente onde alguns elementos da sua cultura foram absorvidos pelos povos ibéricos, e outros provenientes das culturas já estabelecidas na região, foram intriduzidas aos seus costumes. A “conveniência social permissiva e liberal”, termo utilizado pelo pesquisador Fiammengui (2008) para descrever que a troca cultural que existiu entre mulçumanos, católicos e judeus, que também estavam presentes nesse período, justifica as influencias e trocas nos âmbitos culturais, sociais, políticos e econômicos e que elas não se mantiveram restritas apenas a esse período de ocupação. A rabeca artesanal nordestina, que encontramos em algumas manifestações populares, é justamente um instrumento musical que devira de instrumentos de corda e arco provenientes do Oriente e que foi introduzida no Brasil pelos povos ibéricos durante o período de colonização do Brasil (FIAMMENGHI, 2008). Devemos levar em consideração que as madeiras utilizadas na fabricação da rabeca e do violino na península ibérica são constrastantes em relação as madeiras utilizadas para a fabricação desses instrumento no Brasil, onde a diversidade de espécies arbóreas disponíveis e fatores climáticos influenciam diretamente os métodos e o tempo de confecção que varia entre os mestres, e também na sonoridade e na durabilidade do instrumento. Além desses fatores a memória biocultural sobre o conhecimento popular que é passada de mestre para aprendiz é volátil e está sujeita a mudanças de acordo com o tempo, o espaço geográfico, os fatos históricos, sociais e culturais que moldam e modificam esse conhecimento.

A escassez de material bibliográfico referente a origem da rabeca e como esse instrumento foi disseminado e introduzido na cultura popular brasileira, podendo ser

encontrado em todas as regiões do país, torna voláteis e laboriosos o desenvolvimento de pesquisas que buscam encontrar os indícios da trajetória desse instrumento. No Estado de Pernambuco o desenvolvimento de pesquisas relacionadas à construção, a importância do instrumento para a cultura popular do Estado, os aspectos econômicos envolvidos na comercialização da rabeca são quase inexistentes, mesmo que o Estado possua diversas manifestações populares que possuem a rabeca como um instrumento integrante (ESTRADA, 2011).

4.2. PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE RABECAS NO MUNICÍPIO DE FERREIROS LOCALIZADO NA ZONA DA MATA NORTE DO ESTADO DE PERNAMBUCO.

4.2.1. Mestre Zé de Nininha

O artesão José de Alexandre da Silva (Figura 1) conhecido pelo vulgo “Zé de Nininha”, é um renomado luthier residente da cidade de Ferreiros, localizada na região norte do semi-árido do Estado de Pernambuco, e produz em sua oficina, que possui uma estrutura simples de paredes sem reboco e chão batido de terra localizada no centro da cidade, rabecas a partir de espécies arbóreas presentes na região, entre elas podemos citar as espécies: *Guazuma ulmifolia* (Mutamba-roxa); *Genipa americana* (Jeninapo); *Simarouba versicolor* (Praíba ou Pau-Paraíba) e a *Erythrina mulungu* (Mulungu) (MORAIS; BARBOSA, 2020). Os seus instrumentos ganharam notoriedade nacional e internacional devido à qualidade sonora e de acordo com as palavras do próprio Zé de Nininha em entrevista concedida para a elaboração do Dossiê Cavalinho organizado pelo IPHAN, o artista batiza suas rabecas de “som da terra” pois de acordo com o luthier: “uma rabeca tem que ter o som da cana-de-açúcar da Zona da Mata Norte. Como será o som da cana-de-açúcar? O som da cana quando o vento balança as folhas da cana faz aquele som estranho (...) é o som da rabeca” (DOSSIE CAVALO MARINHO, 2012).

Antes de iniciar como aprendiz de luthieria do famoso “Mestre Pitunga”, um notório construtor de rabecas que também era residente da cidade de Ferreiros, o artesão participava como brincante¹¹ das festividades de Cavalinho na região. Zé de Nininha relata que a partir dos seis anos de idade, na década de 60, era levado pela sua mãe para as festividades de Cavalinho e já se sentia atraído pelo som do instrumento (DOSSIE CAVALO

¹¹ Informações INRC Cavalinho. Execução ARJ. Propriedade Fundarpe/Iphan, 2012.

MARINHO, 2012) , e também participava de manifestações culturais populares na região e chegou a interpretar o Babau¹², um personagem importante da teatro popular de bonecos no nordeste.

São mais de vinte anos dedicados a construção da rabeca (Figura 2), porém, assim como outros mestres e mestras detentores dos conhecimentos populares a cerca da cultura nordestina e precisamente do Estado de Pernambuco, onde a escassez de políticas públicas em torno de incentivos financeiros a partir de órgãos públicos para buscar valorizar os conhecimentos populares sobre a cultura popular do Estado ainda é um situação que deve ser levada em consideração essas manifestações culturais permanecem vivas nas comunidades. Zé de Nininha depende de outras fontes de renda para continuar se dedicando a construção de rabecas, por isso ele exerce além da profissão de luthier, a de marceneiro e pintor de móveis (MORAIS; BARBOSA, 2020)



(Figura 1). Mestre Zé de Nininha. Janeiro/2024. Fonte: Arquivo pessoal da autora

¹²Informações INRC Cavallo Marinho. Execução ARJ. Propriedade Fundarpe/Iphan, 2012.



(Figura 2). Rabecas em construção. Janeiro/2024. Fonte: Arquivo pessoal da autora

A rabeca é constituída pelas seguintes partes que formam a caixa de ressonância e as partes externas, são elas: o arco; a língua; o braço; o tampo superior e inferior; o aro e outras partes externas. Existe uma diversidade de espécies florestais que podem ser utilizadas para confeccionar as partes constituintes da rabeca dependendo das espécies disponíveis no local, porém na cidade de Ferreiros-PE, o mestre Zé de Nininha utiliza as seguintes espécies florestais nativas para cada parte constituinte do artefato, são elas: *Guazuma ulmifolia* (Mutumba roxa); *Simarouba versicolor* (Praíba ou Pau-Paraíba); *Genipapa americana* Linneaus (Jenipapo) e *Erythrina velutina* (Mulungu).

4.2.2. Arco

O luthier Zé de Nininha utiliza a *Guazuma ulmifolia*, mais precisamente para a confecção do arco (Figura 4) no qual o artesão utiliza apenas crina de cavalo ou fios de nylon para friccionar contra as cordas da rabeca e produzir o som característico do instrumento (MORAIS, 2020; BARBOSA, 2020). A *Guazuma ulmifolia* Lam. é uma espécie arbórea nativa pertencente a família Sterculiaceae, que pode alcançar entre 8m a 16m de altura e entre 30cm a 50 de diâmetro no fuste após atingir a fase adulta. Popularmente essa espécie é conhecida por diversos nomes em todo o país, entre eles podemos citar: mutumba roxa; mutamba; mutambo; pau-de-pamba; embiribeira e fruta-de-macaco. As características descritas acima dependem das condições ambientais da região em que está inserida e da disponibilidade de nutrientes no solo para o seu pleno desenvolvimento (site ref). Essa espécie florestal nativa ocorre em florestas latifoliadas semidecíduas, pioneira, entre o estado do Amazonas e do Paraná e também em outros países da América Latina. (LORENZI, 1992).

Entre as características físicas que devemos levar em consideração para a produção dos componentes da rabeca, uma das mais importantes é a desidade básica da madeira¹³, pois ela irá interferir na qualidade da madeira, na durabilidade, na metodologia adotada pelo luthier durante o desdobro, na escolha das ferramentas que ele deverá utilizar para extrair da melhor maneira possível as peças que constituem o instrumento, no esforço físico necessário para esculpir as peças e conseqüentemente o tempo de trabalho que ele vai levar para atingir o seu objetivo final que é o instrumento em plenas condições de ser comercializado (MOURA et al., 2017) E além da desidade básica da madeira, a retrabilidade da madeira ¹⁴ é um fator determinante para a qualidade final do instrumento, pois cada uma das espécies responde de maneira diferente as variações de umidade do ambiente.

A madeira da *Guazuma ulmifolia* Lam. (Figura 3) é classificada como moderadamente densa pois apresenta densidade entre 0,50 gm.cm⁻³ a 0,68gm.cm⁻³, e conseqüentemente é uma madeira com boa trabalhabilidade para a marcenaria, relativamente macia ao corte e ideal para a confecção da rabeca, a coloração da madeira é branco-amarelada e bege-rosada, e em relação ao processo de secagem geralmente apresenta secagem moderadamente rápida ao ar livre (CARVALHO, 2007). A madeira de “mutumbu roxo” além de ser utilizada na confecção da rabeca pelo luthier Zé de Nininha, também é utilizada na marcenaria para a construção de caixotaria, construções internas de movelaria, produção de energia e celulose em alguns casos (LORENZI, 1992)

¹³ Relação da quantidade de matéria lenhosa entre unidade de volume saturado. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1087466/densidade-basica-da-madeira-de-eucalipto>
Acesso: 24 Jan. 2024

¹⁴ É a variação dimensional relacionada a variação de umidade na madeira abaixo ou acima do ponto de saturação das fibras. INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS - IPT. **Madeira:** o que é e como pode ser processada e utilizada. São Paulo: 1985. 189p. (Boletim ABPM, 36)



(Figura 3). *Guazuma ulmifolia* Lam. Madeira . Foto: Miriam Jiménez y Mariano Gorostiza



(Figura 4). Arco de rabeca feito de mutumba roxa e crina de cavalo (60 fios) Janeiro/2024.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

4.2.3. Braço e língua

A “praíba”, nome popular utilizado pelo luthier Zé de Nininha para se referir a espécie florestal nativa *Simarouba versicolor* (Figura 5) ela é uma das espécies florestais utilizadas pelo luthier para a confecção do braço (Figura 6) das rabecas. Segundo as palavras do luthier em

entrevista concedida a Aglaia Costa para a TV Pernambuco em 01/09/2020, Zé de Nininha explica porque utiliza a *Simarouba versicolor* para confeccionar o braço da rabeça:

“ O mulungu não presta para fazer o braço...porque a rabeça com braço de mulungu não aguenta a afinação do Cavalo-Marinho. A afinação do Cavalo-Marinho é alta, toda ela é alta e rabequeiro de Cavalo-Marinho não sabe nem ler e nem escrever a maioria deles são analfabetos. Ai o que acontece? Ele faz a afinação pela cabeça dele e pelo parceiro que vai cantar junto com ele, ai a rabeça de mulungu infelizmente tem que colocar um braço de “praíba”, ou um braço de cedro, ou o pinus também serve para fazer...” (Entrevista de Zé de Nininha concedida a TV Pernambuco disponível no youtube em 01/09/2020)

A *Simaboura versicolor*, classificada taxonomicamente como pertencente a família Simaroubacea, sua madeira possui coloração amarelada peculiar da espécie no alburno e no cerne possui coloração violeta escura, ocorre nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste do Brasil e também em outros países da América Latina, alguns dos estados no Brasil que podemos encontrar essa espécie são: Amazonas; Tocantins; Mato Grosso; Minas Gerais, Ceará, ; Piauí e Bahia. É uma espécie que consegue se adaptar a grandes diferenças de médias anuais de pluviosidade entre 900mm e 2200mm e apresenta tolerância a solos secos e com um baixo nível de fertilidade, um dos motivos pelos quais conseguiu se disseminar pelas regiões semi-áridas no Nordeste. Entre as suas características dendométricas a espécie pode atingir até 12 metros de altura e 60 cm de DAP (medida referente a altura de 1,30m em relação ao solo) (CARVALHO, 2010; LORENZI, 1992).

De acordo com Carvalho (2010) a densidade básica da espécie pode ser referida entre 0,38gm.cm³ a 0.65gm.cm⁻³ sendo considerada uma madeira leve e moderadamente densa e consequentemente uma madeira onde a trabalhabilidade é ideal para realizar cortes macios de entalhe com ferramentas de macenaria e não apresenta problemas para a colagem, outro fator ideal para a construção da rabeça no qual o braço é colado ao tampo superior e inferior do instrumento.



(Figura 5). Indivíduo de Simaboura Versivolor no município de Ubirajara-CE. **Foto:** Francisco C. Martins



(Figura 6). Braço da rabeca Janeiro/2024. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora

4.2.4. Aro

O artesão Zé de Nininha utiliza, em alguns casos e dependendo do estilo de rabeca que foi encomendada pelo cliente, a madeira do “Jenipapo” para realizar o fechamento da lateral (aro) ¹⁵da rabeca, que é a ligação entre o tampo superior (testo macho) ¹⁶e o tampo inferior (texto fêmea) ¹⁷(ENTREVISTA TVPE). A lateral da rabeca está representada na Figura 8, logo abaixo.

A *Genipapa americana* Linneaus (Figura 7) é uma espécie arbórea pertencente a família Rubiaceae, que consegue atingir na fase adulta até 30m de altura 90 cm de DAP¹⁸ (CARVALHO, 2003) sendo classificada como uma árvore de grande porte quando possui as condições ambientais adequadas para o seu pleno desenvolvimento. Essa espécie ocorre em todos os estados da região Nordeste, da região Sudeste, Centro-oeste, e em alguns estados da região Norte como Amazonas, Acre, Pará e Tocantins (CARVALHO, 2003) . Além das características físicas da madeiras que serão descritas posteriormente, vale ressaltar que seus frutos imaturos e a casca possuem uma substância corante violeta ou azul escura, denominada genipina, que quando exposta ao ar e dissolvida em água ou álcool torna-se preta, e é comumente utilizada pelos povos originários do nordeste para a realização de grafismo na pele (SILVA et al., 1998).

A madeira do jenipapo de acordo com Carvalho (2003) e Lorenzi (1992) possuem uma densidade moderadamente densa podendo variar entre 0,68gm.cm⁻³ e ocasionalmente 0.85gm.cm⁻³, em relação as outras duas espécies apresentadas anteriormente a *Simaboura versicolour* e *Guazuma umifolia*, o “Jenipapo” possui uma densidade mais alta e consequentemente maior durabilidade porém uma boa trabalhabilidade e corte macil. A coloração do cerne é branco acizentado podendo também, em alguns casos específicos, algo semelhante a um violáceo, já o alburno possui coloração marfim.

¹⁵ O aro é um filete de madeira de jenipapo, flexível e posteriormente subdividido em 6 partes para melhor se acomodar nas curvaturas de cada parte da rabeca, tanto na parte superior como na inferior realizando o fechamento da lateral do instrumento.

¹⁶ Termo que o artesão Zé de Nininha utiliza para se referir ao tampo superior da rabeca.

¹⁷ Termo que o artesão Zé de Nininha utiliza para se referir ao tampo inferior da rabeca.

¹⁸ A sigla DAP é a abreviação para o termo “diâmetro altura do peito”, sendo padronizada como uma medida dendométrica em relação ao diâmetro do fuste da árvore a uma altura de 1,30m em relação ao solo e a base da árvores.



(Figura 7). Indiviuo de Pau-paraíba. Foto: Vera L. Eifer



(Figura 8). Lateral da rabeca revestida pelo aro de Jenipapo. Fonte: Arquivo pessoal da autora

4.2.5. Tampo superior e inferior

O luthier Zé de Nininha geralmente utiliza o mulungu para a fabricação dos tampos (Figura 10) da rabeca, de acordo com o luthier:

“Em si a rabeca de mulungú, ela é uma rabeca assim...diferente e diferente também de som, ela é diferente de todos os sons de rabeca que eu conheço. O mulungu ele tem uma acústica como se fosse assim...um meio médio puxando para agudo...” (entrevista concedido para a TV/PE no dia 01/09/2020).

As palavras do mestre Zé de Nininha sobre as madeiras que utiliza com frequência para produzir as rabecas na sua oficina, demonstram um conhecimento popular a cerca das propriedades mecânicas e físicas da madeira através de anos de experiência entre tentativas, erros e acertos na busca de aprimorar a sonoridade do instrumento. O vocabulário simples e objetivo para descrever a diferença entre as madeiras para a construção dos componentes da rabeca, não interfere na qualidade alcançada no resultado final e nem no uso adequado de cada tipo de madeira extraída das espécies nativas utilizando ao máximo seu potencial.

A *Erythrina velutina* (Figura 9) conhecida como “mulungu” pelo artesão Zé de Nininha, em outros estado do Brasil também é conhecido por outros nome populares como por exemplo: mulungu-da-flor-vermelha; muchocô e mulungá. É uma espécie arbórea nativa da região nordeste e classificada taxonomicamente como pertencente a família Fabaceae, podendo atingir até 20 metros de altura e 80 cm de DAP. A sua ocorrência natural é em todos os estados da região nordeste do Brasil e no norte de Minas Gerais, principalmente nas áreas semi-áridas (CARVALHO, 2008; LORENZI, 1992).

De acordo com Lorenzi (1992), a sua madeira é leve, porosa e possui baixa densidade sendo utilizada amplamente para a fabricação de produtos madeireiros com baixa durabilidade como por exemplo: brinquedos; caixotaria e sapatos. Além a utilizade na fabricação dos itens citados, ela é amplamente utilizada para a arborização vias públicas e jardins devido a função de sombreamento e estética, pois suas flores apresentam uma coloração avermelhada que se destaca no ambiente.



(Figura 9). Indivíduo de Mulungu. **Foto:** Afonso de Bragança



(Figura 10). Tampo superior da rabeca. Janeiro/2024 **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

4.3. PROCESOS MECÂNICOS DE DESDOBRO E ENTALHE DA MADEIRA UTILIZADOS PELO MESTRE ZÉ DE NININHA DURANTE A CONSTRUÇÃO DA RABECA.

Ao contrário do padrão estabelecido para os luthiers e fábricas de instrumentos musicais para a construção de um violino clássico, a rabeca é um instrumento fluído onde cada mestre irá aperfeiçoar a sua maneira e com a disponibilidade de ferramentas e madeira que tem na sua região a sua forma de construir o instrumento. Segundo Moraes (2020) e Barbosa (2020), o mestre Zé de Nininha não utiliza na maior parte do seu processo ferramentas elétricas pois elas são pesadas e podem danificar o instrumento. O cuidado, a precisão, a delicadeza durante o processo e a qualidade da madeira de são imprescindíveis para valorizar a sonoridade e a durabilidade do produto final. O mestre possui em seus ateliê alguns moldes para fazer as partes constituintes da rabeca, porém após anos de experiência e prática, ele mesmo desenha da madeira sem um molde e utiliza o toque dos dedos para medir a espessura de algumas peças.

O processo de escavar¹⁹ a madeira em busca de confeccionar as partes constituintes da rabeca é um processo que exige um alto nível de concentração e na maioria das vezes é solitário. O luthier inicia o processo na escolha das madeiras que serão utilizadas e ao separar cada uma das peças, ele começa esculpindo com uma faca para formar os testos macho e fêmea do artefato. Após a escavação ele realiza o lixamento dos tampos para dar um acabamento mais refinado e macio para a madeira. No tampo superior, ele escava os F's²⁰ e logo depois realiza a união dos dois tampos através de pequenas vigas de sustentação feitas de Jenipapo. O uso de ferramenta elétrica se resume para o corte da peça de madeira, geralmente a espécie escolhida é o Pau-paraíba, onde com o auxílio do tico-tico o artesão realiza o cortes maiores para depois escavar com a faca ou um formão o formato do braço, a voluta²¹ e a sua assinatura na parte inferior do mesmo. No braço ainda são feitos com o auxílio de uma faca artesanal os furos onde serão encaixadas as cravelhas²², o jenipapo ou o pau-paraíba são as madeiras mais utilizadas pelo mestre para confeccionar as mesmas. Para finalizar o processo do corpo e do

¹⁹ A palavra “escavar” é utilizada pelo artesão para se referir ao processo de esculpir a madeira com facas, tesouras, formões, lixas e outras ferramentas singulares que o próprio artista cria com o que tem ao seu alcance no ateliê mas que possa atender a sua necessidade.

²⁰ Além de serem as aberturas na caixa de ressonância por onde o som da rabeca vai se propagar no ambiente, é uma assinatura artística do mestre, pois onde encontrarmos uma rabeca de Zé de Nininha, além da sua assinatura na parte inferior no braço, o design dos F's são únicos do artista.

²¹ A voluta é um ornamento na parte superior do braço da rabeca geralmente em forma de espiral mas em alguns casos pode ser em forma de pergaminho, sua função é unicamente estética.

²² As cravelhas são responsáveis por tensionarem as cordas da rabeça na parte superior do braço e será através do delas que o músico irá afinar as cordas. Na rabeca são inseridas quatro cravelhas, duas em cada lado do braço intercaladas logo abaixo da voluta.

braço o luthier utiliza para fechar as laterais da rabeca uma peça flexível e longa de madeira de jenipapo, dessa forma está pronto corpo e o braço da rabeca. Algumas outras peças como a lacraia²³, o cavalete²⁴, a escala²⁵ e o umbigo²⁶ são chamadas de peças de encaixe externo pois não constituem a caixa de ressonância, a espécie utilizada para essas peças podem variar de acordo com a disponibilidade da madeira no momento, da preferência do cliente ou da estética física e sonora que o luthier quer alcançar (MORAIS, 2020; BARBOSA, 2020).



(Figura 11). Braço da Rabeca. Janeiro/2024.

Fonte: Arquivo pessoal da autora



(Figura 12). Lateral aberta da rabeca. Janeiro/ 2024

Fonte: Arquivo pessoal da autora

²³ Peça externa localizada no tampo superior, responsável por tensionar e servir como ponto para que as cordas sejam devidamente presas ao umbigo.

²⁴ Peça externa localizada no tampo superior, responsável por tensionar e elevar as cordas da rabeca para que as mesmas não entre em contato direto com o braço.

²⁵ São as interseções, não equidistantes, no braço da rabeca que quando pressionadas as cordas pelo músico realizam a mudança de notas e acordes.

²⁶ Peça externa localinada na lateral da rabeca, mais precisamente no mesmo alinhamento do braço e no meio da parte inferior da rabeca, onde as cordas são amarradas.



(Figura 13). Caixa de ressonância da rabeca e Braço **Fonte:** Arquivo pessoal da autora



(Figura 14.) Rabeca Finalizada. **Fonte** Arquivo pessoal da autora.

Abaixo estão as fotos de algumas das ferramentas criadas e utilizadas pelo mestre Zé de Nininha para escavar a madeira e realizar cortes durante o processo produção da rabeca.



(Figura 15). Faca artesanal para escavar a madeira. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora



(Figura 16). Facara artesanal utilizada para escavar os F's no tampo superior. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora



(Figura 17). Formão para escavar a madeira.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.



(Figura 18). Cilindo de ferro utilizado para moldar o aro da rabeça. **Fonte:**Arquivo pessoal da autora.



(Figura 19). Crina de cavalo e pente.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.



(Figura 20). Tico-tico. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora

4.4.O INSTRUMENTO RABECA E A SUA IMPORTÂNCIA NA MANIFESTAÇÃO CULTURAL DO CAVALO-MARINHO NO ESTADO DE PERNAMBUCO.

4.4.1. O Rabeca e o Cavalo-Marinho

Devido a um amplo processo de interação entre os agentes sociais, o ambiente e fatos históricos, o Estado de Pernambuco que é reconhecido nacionalmente como berço multicultural. O maracatu rural²⁷, o coco de roda²⁸, a ciranda²⁹, o afoxé³⁰, e o Cavalo-Marinho são algumas das manifestações culturais que podemos pontuar mas o que elas tem em comum? Essas manifestações culturais populares assim como outras que também constituem a cultura popular do Estado de Pernambuco, são conhecimentos populares que se fortalecem, se reinventam e se mantem ativas através das comunidades locais sejam elas rurais, litorâneas ou urbanas (NETO, et al. 2023)

A manifestação popular conhecida como Cavalo-Marinho se estrutura em forma de teatro popular e em semicírculo sendo constituída pelos seus brincantes³¹ que na maioria das vezes são trabalhadores rurais e agricultores, caracterizados por personagens (figuras humanas e animais como o boi e o cavalo), entre os mais de 73 personagens que podem ser encontrados nas representações dramáticas do Cavalo-Marinho, podemos citar entre os mais populares: o capitão marinho; o mestre Ambrósio; Mateus; Bastião, Catirina e o Caboclo. Esses personagens narram histórias que transitam entre o lúdico da realidade e do imaginário popular com o objetivo de divertir os espectadores, manter vivo o conhecimento popular a cerca da brincadeira³² realizar os louvores para o Divino Culto ao rei do oriente³³ e em alguns momentos

²⁷ O maracatu rural ou maracatu de baque solto, ambas as denominações são utilizadas para definir a mesma manifestação cultural, é originária da Zona da Mata Norte de Pernambuco e foi criada por trabalhadores rurais da regiões de plantação de cana-de-açúcar. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_MARACATU_RURAL.pdf Acesso 24 Jan. 2024.

²⁸ É uma dança típica presente em algumas regiões litorâneas do Norte e Nordeste e que algumas pesquisas apontam que ela surgiu nas regiões mais rurais dos estados e tem influência indígena e africana. A dança se organiza em círculo onde as pessoas dançam, batem palmas e cantam alguns versos sobre o mar, o amor, religiões ou crônicas do dia a dia. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11485/1/Disserta%3%a7%3%a3o%20Rosely%20Tavares%20de%20Souza08-10-2013%20-%20atualizadacorrigida.pdf> Acesso: 24 Jan. 2024.

²⁹ A ciranda que é referida nessa pesquisa se caracteriza como a que encontramos em regiões litorâneas do Estado de Pernambuco, onde os participantes se organizam em círculo, dão as mãos e seguem juntos no ritmo em que são cantados os versos e da banda.

³⁰ Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2019/03/conheca-a-historia-dos-afoxes-em-pernambuco.html> Acesso: 24 Jan. 2024.

³¹ Informações INRC Cavalo Marinho. Execução ARJ. Propriedade Fundarpe/Iphan, 2012.

³² Informações INRC Cavalo Marinho. Execução ARJ. Propriedade Fundarpe/Iphan, 2012.

³³ Informações INRC Cavalo Marinho. Execução ARJ. Propriedade Fundarpe/Iphan, 2012.

a Jurema Sagrada³⁴. A Zona da Mata Norte de Pernambuco é a região onde se originou a brincadeira, mais precisamente nas senzalas dos engenhos de plantio de cana-de-açúcar pelos escravizados africanos e seus descendentes (DOSSIE CAVALO MARINHO, 2012).



(Figura 21). Dança dos arcos no folguedo de Cavalo-Marinho.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

A dança, a música, a poesia, a ironia para se referir as histórias que são representadas pelos personagens e a complexidade da dinâmica envolvida nas festividades de Cavalo-Marinho entre os brincantes e o público são os elementos que caracterizam e particularizam a forma como se estrutura a ordem cronológica das histórias dramatizadas no Cavalo-Marinho (FERREIRA, 2014) . A narrativa dramática do Cavalo-Marinho, de acordo com Souza (2013) e o relato cedido por de alguns mestres para o desenvolvimento da sua pesquisa, segue da seguinte maneira: Mateus e Bastião, dois negros contratados pelo Capitão são orientados a cuidarem do local no turno da noite onde será realizado o Baile³⁵, os personagens mandam buscar Ambrósio, personagem responsável por introduzir máscaras e outros personagens no decorrer da festividade. Mateus e Bastião se revoltam e já não querem permitir que Capitão realize o Baile e com a chegada do boi (um dos personagens principais e mais esperados do

³⁴ Religião de influência indígena e africana presente em alguns estados do nordeste e que cultua entidades (encantados) não-judaicos-cristãs reverenciados como heróis do povo que existiram na sociedade. As matas, as folhas, a fumaça, as frutas, os animais e os locais onde se realizam os rituais são sagrados pois é neles que os juremeiros entram em contatos com suas entidades em busca de orientação divina e intervenção para os fatos que vivenciam. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1083-1106.pdf> Acesso: 24 Jan 2024.

³⁵ Termo referente a festividade ou folguedo do Cavalo Marinho.

Cavalo Marinho) é encerrada a brincadeira. Entre uma fala e outra dos personagens, o banco³⁶ de músicos geralmente é constituído por um tocador de rabeça, um de pandeiro, um de ganzá³⁷ (ou dois em alguns casos), e um de bagé³⁸.

O instrumento rabeça é o único instrumento de corda presente em um banco de Cavalo Marinho, onde todos os outros instrumentos citados anteriormente, são instrumentos de percussão e isso torna a rabeça a principal fonte melódica da música, o mais complexo e difícil de tocar (DOSSIÊ CAVALO MARINHO, 2012). O rabequeiro ajuda a direcionar com a melodia a cadência dos outros instrumentos, possui um local elevado na constituição do banco, pois entre os músicos dos instrumentos de percussão, em alguns casos eles podem revezar entre si, diferente da rabeça, no qual o musicista é especializado naquele complexo instrumento, sendo na maioria das vezes autodidata e em alguns casos também canta as músicas (FARIAS, 2012; SPOSITO, 2012). Além da sonoridade, a rabeça é um instrumento comercializado por vários luthiers do interior do estado, como o artesão Zé de Nininha que descrevemos anteriormente o processo de fabricação e as ferramentas utilizadas, mas a rabeça é importante economicamente para outros artistas que a fabricam e conseguem comercializar e gerar uma renda extra para a família. Os instrumentos fabricados pelos luthiers da Zona da Mata Norte de Pernambuco e seus aprendizes, são exportados para vários países do mundo e com isso a cultura do Cavalo Marinho também acompanha o instrumento característico dessa manifestação. A forma como desdobrar a madeira, adicionar os elementos que constituem o instrumento, cortar, lixar, colar e até contar os precisos e resistentes 60 fios de crina de cavalo para o arco, são métodos particulares que surgem pelas mãos dos artesãos e seus aprendizes, esse conhecimento popular que é passado de geração em geração, se faz essencial tanto para perpetuar ao longo dos anos a cultura do Cavalo Marinho no interior do Estado de Pernambuco.

³⁶ O banco além de se referir ao conjunto de músicos que tocam e cantam os versos que animam os folguedos do Cavalo Marinho, é literalmente um banco de madeira retangular com cerca de dois metros de comprimento e quarenta centímetros de altura onde eles se sentam e se organizam para dar início e continuidade a brincadeira.

³⁷ Instrumento de percussão semelhante a um chocoalho porém em formato cilíndrico e metálico.

³⁸ Instrumento de percussão típico do Cavalo Marinho onde o músico fricciona uma haste de madeira pequena e fina em outra maior que possuem alguns desníveis e consequentemente ressoa um som estridente.



(Figura 22). Formação de banco de músicos de Cavalo Marinho.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Segundo Neto (2016), em suas considerações a cerca do processo artesanal da construção do instrumento rabeca e a sua importância para os atores sociais envolvidos em sua construção:

“Um artefato tomado como resultado do trabalho humano pode ser visto como um produto, e ao ser observado a partir desse ponto, um produto, estaremos desconsiderando, uma série de dados importantes para um conhecimento mais amplo sobre tal objeto. Esses dados se referem aos processos que desencandearam um produto observado. Nestes processos estão inseridos, de maneira muito definidora e definitiva, para sua forma e conteúdo, o ser humano ou os seres envolvidos em sua manufatura. E, com os seres humanos, todas as condições culturais, suas crenças, seus anseios, suas necessidades, suas habilidades e criatividade em solucionar e superar dificuldades inerentes ao domínio dos materiais para atingir seus objetivos (...) os instrumentos musicais são bons, todos têm a função de atender a necessidade humana de música, seja como expressão da sua musicalidade, ou para expressão da sua religiosidade, em processos de cura, transmissão de conhecimentos e outros. (NETO, 2016, pag. 104)

De acordo com a citação de Neto (2016) apresentada acima, quando buscamos identificar e levar em consideração os processos envolvidos na construção de um instrumento musical, nesse caso a rabeca nordestina construída com madeira nativa pelas mãos dos mestres

e seus aprendizes, existe uma disparidade considerável que devemos valorizar em relação a um produto comercializado em larga escala por máquinas industriais utilizando madeiras importadas ou compensados. Devemos enxergar o valor envolvido em um artefato que é um dos alicerces de um complexo sistema que demonstra a interação entre ser humano, religião, música, crenças, habilidades manuais, ambiente, tradição e cultura como forma suprir a necessidade humana de se expressar através de manifestações artísticas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artesão Zé de Nininha foi o *luthier* no qual pude analisar os processos macânicos de desdobro da madeira nativa para a construção do artefato e descrever as espécies madeireiras utilizadas por ele através de material bibliográfico, além de identificar quais ferramentas são necessárias para o seu processo de escavar a madeira em busca dos componentes da rabeca.

O mestre Zé de Nininha utiliza a *Guazuma ulmifolia* (Mutumba Roxa) para a produção do arco que pode conter crina de cavalo (60 fios) ou nylon para friccionar contra as cordas da caixa de ressonância, já a *Simarouba versicolor* A.St.-Hil (Praíba ou Pau Paraíba) é a madeira escolhida pelo mestre, devido a sua durabilidade e resistência a afinação utilizada no Cavalo Marinho para a construção do braço que é colado na caixa de ressonância, a espécie *Genipa americana* (Jenipapo) é escolhida para a fabricação do aro (parte lateral da rabeca) que fecha a caixa de ressonância e por ultimo a espécie *Erythrina velutina* (Mulungu) no qual Zé de Nininha prefere, devido a sonoridade singular, para a fabricação do testo macho e fêmea (tampo superior e inferior).

A tecnologia e a utilização de produtos florestais não se resume apenas a produção em larga escala das grandes industrias de silvicultura, construção civil, celulose e naval. Um olhar aguçado sobre as outras formas de desdobro e utilização das madeira nativas na confecção de artefatos pelos agentes sociais que buscam perpetuar através do conhecimento popular os conhecimentos a cerca de métodos específicos de como utilizar a madeira nativa para a confecção de artefatos utilizados na cultura popular, seja ela na rabeca nodestina ou qualquer outro instrumento importante para uma manifestação cultural, pode ampliar a perspectiva dos conhecimentos e possibilidades de uso sobre a madeira nativa e como esses artesãos conseguiram através do tempo, da leitura do ambiente em que estão inseridos, da disponibilidade dos materiais envolvidos na produção dos artefatos, dos fatos históricos e dos

fatores ambientais, desenvolver e aprimorar técnicas singulares para manejar a madeira e obter delas tais objetos que são tão importantes para a suprir a necessidade humana de se expressar através das arte e da religiosidade.

O estudo e a descrição dos processos de desdobro da mandeira nativa para a confecção da rabeca nodestina, pode ser o principio de uma nova linha de pesquisa na qual as ciências florestais e mais precisamente a Engenharia Florestal pode se voltar e utilizar dos conhecimentos científicos desenvolvidos nas instituições públicas e privadas de pesquisa para interseccionar e dialogar horizontalmente com o conhecimento popular desenvolvido nas comunidades, onde se edificaram tais conhecimentos, sempre buscando aquilo na qual é um dos principios e pilares das universidades públicas, a extensão. O conhecimento científico também pode ser desenvolvido além dos laboratórios, dos grandes plantios de monocultivo, ou sempre voltado para a exportação e supressão sem controle dos nossos recursos ambientais, podemos olhar para dentro do nosso território e buscar pesquisar, descrever e desenvolver projetos com os atores e o ambiente responsável por caracterizar a nossa cultura, a nossa identidade como brasileiros e nordestinos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGMAN, J. F. **Artífices, artifícios e artefatos: narrativas e trajetórias no processo de construção da rabeça brasileira**. 2016, 257 p, Tese (Doutorado Em Design), Setor de Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

CARVALHO, P. E. R. Circular técnica: Mutamba (*Guazuma ulmifolia* Lam.). Embrapa, Colombo, PR, p. 1-13, 2007. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CNPF-2009-09/42548/1/Circular141.pdf>> Acesso: 24 Jan. 2024.

CARVALHO, P. E. R. Mulungu Erythrina velutina. In: CARVALHO, P. E. R. **Espécies Arbóreas do Brasil**. 1. ed. Colombo, PR.: Embrapa Florestas, 2008. p. 387 – 391.

CARVALHO, P. E. R. Jenipapo Genipa americana. In: CARVALHO, P. E. R. **Espécies Arbóreas do Brasil**. 1. ed. Colombo, PR.: Embrapa Florestas, 2003. p. 611 – 617.

CARVALHO, P. E. R. Simarouba versicolor. In: CARVALHO, P. E. R. **Espécies Arbóreas do Brasil**, 1. Ed. Colombo, PR.: Embrapa Florestas, 2010. p. 429-433.

COSTA, T. G. **Propriedades da madeira de espécies do Cerrado mineiro e sua potencialidade para geração de energia**, 2011. 77 p. Dissertação (Mestrado em Processamento e Utilização da Madeira) – Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia da Madeira, Universidade Federal de Lavras, 2011.

Dossiê INRC Cavalos Marinho. Execução ARJ. Propriedade Fundarpe/Iphan, 2012. <http://portal.iphan.gov.br/>

ESTRADA, E.; MORAIS, J. V. de. **Idiosincrasias na construção da rabeça em Pernambuco: O caso de Airon Galindo**, Caruaru-PE. *Opus*, v. 27 n. 1, p. 1-24, jan/abr. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20504/opus2021a2705>. Acesso em: 24 Jan. 2024

FARIAS, P. A. A escrita diaomática da rabeça ao violino: Guerra-peixe e a sonoridade nordestina, *Revista Brasileira de Música*, v. 26, n. 1, 2013, Rio de Janeiro. Disponível em : <https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm/article/view/29371> Acesso: 24 Jan. 2024

FERREIRA, F. Cavalos Marinho: Espacialidades, espiral e coragem de um corpo significativo. **Revista Estética e Semiótica, Brasília**, v. 4, n. 2, p 129-138, jul./dez. 2014.

FIAMMENGHI, L. H. **O violino violado: rabeça, hibridismo, e desvio do método nas práticas interpretativas contemporâneas – Tradição e inovação em José Eduardo**

Gramani. 2008. Tese (Doutorado em Música), Instituto de Artes da UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

LORENZI, Harri. **Árvores Brasileiras: Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil.** 1. Ed. Nova Odessa-SP. Editora Plantarum. 1992.

MATOS, T. S. et al. Crescimento e propriedades da madeira de Guazuma umifolia (MUTAMBA) sob diferentes tratamentos silviculturais. In: X Semana Acadêmica, 10., 2019, Marabá. **Anais [X Semana Acadêmica. Amazônia: desafios, avanços e contribuições na educação, saúde e meio ambiente]**. Marabá: Universidade Federal do Pará, 2019. Trabalho ISSN: 2447-7605. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/campusmaraba/wp-content/uploads/2019/10/CRESCIMENTO-E-PROPRIEDADES-DA-MADEIRA-DE-Guazuma-umifolia-MUTAMBA-SOB-DIFERENTES-TRATAMENTOS-SILVICULTURAIS.pdf> . Acesso: 24 de Jan. 2024.

MORAIS, J. V. de; BARBOSA, M. A tradição da luteria da rabeca. **Miradajanela**, 2020. Disponível em:< <https://www.miradajanela.com/2020/08/a-tradicao-da-luteria-da-rabeca.html>>. Acesso em : 24 Jan. de 2024.

MORAIS, J. V. Luteria, rabecas e reciclagens. **Miradajanela**, 2020. Disponível em: < <https://www.miradajanela.com/2020/08/luteria-rabecas-e-reciclagem.html>> Acesso em: 24 de Jan. de 2024.

MORAIS, J. V.; COSTA, I. A construção de rabecas em Pernambuco. **Miradajanela**, 2020. Disponível em: <<https://www.miradajanela.com/2020/08/a-construcao-de-rabecas-em-pernambuco-o.html>> Acesso em: 24 de Jan. de 2024.

MOURA, N. D. S. et al. Propriedades físicas da madeira de Mutamba (Guazuma umifolia Lam.) no sentido base-topo e medula-casca. In: Congresso Brasileiro de Ciências e Tecnologia da Madeira, 3., 2017. Florianópolis. **Resumos [Propriedades físicas da madeira de Mutamba (Guazuma umifolia Lam.) no sentido base-topo e medula-casca]**, Parauebas: Universidade Federal Rural do Pará, 2017.

NETO, J. N. de A. **A construção da rabeca: Idissincrasias do mestre Antônio Merengue.** 2016. Dissertação (Mestrado em música) – Programa de Pós Graduação em Música , Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

NETO, W. C. de L. et al. Do litoral ao sertão tem dança, música e tradição: contribuições do turismo pedagógico para o reconhecimento da diversidade cultural de Pernambuco. In: Congresso Nacional de Estudos Interdisciplinares da Linguagem e Ensino, 2., 2023, Campina Grande. **Anais [Do litoral ao sertão tem dança, música e tradição: contribuições do turismo pedagógico para o reconhecimento da diversidade cultural de Pernambuco]**. Campina

Grande, 2023. Disponível em:
https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/coneil/2022/ebook1/TRABALHO_COMPLETO_EV182_MD1_ID259_TB93_27112022201723.pdf

RODERICK, S. **Isso não é um violino? Usos e sentidos contemporâneos da rabeca no Nordeste**. 1. Ed. Natal: Instituto Federal do Rio Grande do Norte, 2011. Disponível em : <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1095> . Acesso em: 24 Jan. 2024.

SILVA, A. P. da; et al. Caracterização química e física do Jenipapo (Genipa Americana L.) armazenado. **Scientia Agricola**, Piracicaba – São Paulo, 1998.

SOUZA, R. T. de. Uma história que conta, saberes que transformam: o Cavalo Marinho pernambucano como uma prática cultural. In: Simpósio Nacional de História (conhecimento histórico e diálogo social), 26., 2013, Natal. **Resumo [Uma história que conta, saberes que transformam: o Cavalo Marinho pernambucano como uma prática cultural]**, 2013 Disponível:https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370716111_ARQUIVO_artigoAnphu2013-NOVO.pdf Acesso em: 24 Jan. 2024.

SOUZA, R. T. de. **Oh pisadinha boa! Transformações e permanências no Cavalo Marinho Pernambucano entre os anos de 1960 e 2000**. 2013. 176 p. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SPOSITO, T. G. **Rabeca: aspectos da sua identidade na música brasileira**. 2012. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharel Instrumento – Violino), Departamento de Música, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

TV Pernambuco Recife. Aglaide Costa entrevista Zé de Nininha. Recife: TV PE, 2020. 1 Vídeo (20 minutos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w6eKroiR9wE>. Acesso em: 24 Jan. de 2024.